

1 INTRODUÇÃO

Estudos clássicos dedicados à economia agrícola no Brasil (Castro, 1969; Marcondes, 1995; Melo, 1999) já haviam discutido as funções centrais da agricultura no sistema econômico e, entre elas, a obtenção de divisas por meio de geração e, se possível, de ampliação de um excedente de alimentos, matérias-primas, e seus processados, utilizável para exportações a consumidores externos.

No cenário mundial do século XXI, tanto a produção de alimentos e de fibras quanto a produção de energia são questões inescapáveis. Segundo estimativas da Organização das Nações Unidas – ONU (UN, 2011), em 2050 a população mundial estará em torno de 11 bilhões de pessoas. Mormente, os aumentos de renda *per capita* e das taxas de urbanização nos países em desenvolvimento, sobretudo na Ásia e África, podem acelerar as demandas internacionais por alimentos, por seus processados e por fontes de energia ambientalmente preservativas *vis-à-vis* o emprego de combustíveis fósseis, fenômenos que podem já estar em curso.

Segundo Vinholis (2012), do lado da demanda, o aumento da renda *per capita* média combinado com o crescimento da população resultou em um aumento da demanda por alimentos, particularmente nos países em desenvolvimento. A elevação de renda teria propiciado não apenas o aumento de consumo de produtos básicos,¹ mas também a diversificação de consumo, incluindo na dieta mais carnes, produtos lácteos e óleos vegetais (Trostle, 2008 *apud* Vinholis, 2012).²

Nesse âmbito, pelo lado da oferta, o Brasil situa-se entre os principais exportadores de alimentos, fibras e seus processados, e é um dos poucos países ainda capazes de realizar expansões de sua área de agricultura e/ou pecuária, possivelmente se concentrando na fronteira agrícola do Oeste-Nordestino, do norte da região Centro-Oeste e de vastas áreas da região Norte do país (Freitas, Mendonça e Lopes, 2011).

Ainda em execução no Brasil, a expansão da fronteira agropecuária³ já não mais é possível em outros grandes produtores agropecuários mundiais, como os Estados Unidos, a União Europeia, a China, a Índia, o Canadá, a Austrália e a Argentina, por exemplo. Nestes países, as áreas até então disponíveis já foram ocupadas e as áreas remanescentes dificilmente podem ser aproveitadas em condições econômicas ou técnicas de produzir.

Além disso, medidas políticas tomadas por países produtores contribuíram para acirrar a crise dos alimentos na última década, a exemplo das taxas impostas pela Rússia para a exportação e da retirada do fertilizante como prioridade no transporte ferroviário na China (Vinholis, 2012).

Isso posto, e reconhecida a importância da obtenção de divisas para a manutenção do equilíbrio macroeconômico do país, faz-se importante um conhecimento em detalhe dos itens agropecuários exportados, de sua importância na pauta exportadora local, e das eventuais vulnerabilidades associadas.

Assim, o objetivo do estudo é mensurar, ainda que em abordagem introdutória, a participação do setor agropecuário na pauta exportadora brasileira. Subsidiariamente, pretende-se identificar os principais itens da pauta agropecuária exportadora no período investigado.

* O autor agradece os apontamentos de Graziela F. Zucoloto, Gesmar R. dos Santos, Luiz Dias Bahia e José Arnaldo F. G. Oliveira, eximindo-os das falhas remanescentes.

** Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação, Regulação e Infraestrutura (Diset) do Ipea.

1. A riqueza desse argumento pode ser recuperada pelo simples reconhecimento de que o homem mais perigoso – e que nada tem a perder – é o homem com fome (James, 2007).

2. Trostle, R. Global agricultural supply and demand: factors contributing to the recent increase in food commodity prices. July 2008. (Outlook Report, n. WRS-0801). Disponível em: <<http://www.ers.usda.gov/Publications/WRS0801/>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

3. Consoante Gasques (2011), ainda que já existam 235 milhões de hectares incorporados à produção agropecuária no Brasil, 82 milhões de hectares são áreas ainda disponíveis para as respectivas atividades, sem avanços sobre áreas protegidas pela legislação. Acerca deste ponto, ver também Barros (2012).

2 DADOS E METODOLOGIA

Os dados utilizados são do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC (Brasil, 2012) e compreendem informações anuais do período 1989-2011. Utilizou-se a definição de produto agrícola delineada no Acordo Agrícola da Rodada do Uruguai. Esta taxonomia foi um dos frutos do esforço de construção de um comércio agropecuário mais livre e é o resultado de uma intenção da comunidade internacional, simultaneamente à formação da Organização Mundial do Comércio (OMC).

Há outras categorizações versando sobre o que seria o produto agropecuário na produção econômica e/ou nos fluxos comerciais. Porém, dois elementos advogam a favor da definição adotada. Em primeiro plano, trata-se de categorização em boa medida referendada pelos países integrantes da OMC.⁴ Ademais, e por consequência, os próprios países, de regra, negociam acordos comerciais com base nas categorias de produtos definidos no sistema harmonizado (SH) de categorização de produtos, caso dos itens definidos no Acordo Agrícola.

Os produtos selecionados conforme este critério constam no apêndice A, e tal categorização inclui produtos já processados em atividades industriais, a exemplo de alcoóis industriais (SH15) e vinhos (SH22).

A estratégia metodológica baseia-se em estatísticas descritivas e na análise exploratória dos dados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos apontam para um gradual – conquanto moderado – crescimento na participação da pauta agropecuária no total de divisas auferidas pelas exportações brasileiras ao longo do período compreendido entre 1989 e 2011. Neste prazo, os produtos agropecuários foram responsáveis por 29%, em média, dos valores exportados pelo país.

Em termos de oscilações registradas, a menor participação foi verificada em 2000 (23%), ao passo que o pico participativo deu-se em 2009 (36%). É razoável dizer que tais oscilações estão associadas à conjuntura cíclica internacional⁵ e às respectivas variações no sistema cambial doméstico, bem como a aumentos da renda *per capita* interna e a alterações em sua distribuição.

A tabela 1 apresenta os valores comentados.

TABELA 1

Exportações agropecuárias e participação da agropecuária nas exportações totais brasileiras (1989-2011)

| Período | Exportações agropecuárias (US\$ correntes) | Participação da agropecuária nas exportações totais (%) |
|---------|---|--|
| 1989 | 9.548.213.559 | 28 |
| 1990 | 8.848.298.031 | 29 |
| 1991 | 8.031.000.314 | 26 |
| 1992 | 9.188.893.293 | 26 |
| 1993 | 9.868.579.148 | 26 |
| 1994 | 12.785.086.686 | 30 |
| 1995 | 13.630.774.338 | 30 |
| 1996 | 14.573.136.370 | 31 |
| 1997 | 16.660.265.678 | 31 |
| 1998 | 15.365.218.351 | 30 |

(Continua)

4. Até fevereiro de 2011, a OMC contava com 153 países-membros (WTO, 2012).

5. Aprofundamentos sobre essa questão fogem ao escopo do presente estudo. Para uma discussão inicial sobre esse ponto, ver Da Mata e Freitas (2008).

(Continuação)

| Período | Exportações agropecuárias (US\$ correntes) | Participação da agropecuária nas exportações totais (%) |
|---------|---|--|
| 1999 | 13.960.649.324 | 29 |
| 2000 | 12.896.814.775 | 23 |
| 2001 | 16.290.504.096 | 28 |
| 2002 | 17.075.712.962 | 28 |
| 2003 | 21.286.202.452 | 29 |
| 2004 | 27.918.743.743 | 29 |
| 2005 | 31.794.597.680 | 27 |
| 2006 | 36.547.574.730 | 27 |
| 2007 | 44.546.310.555 | 28 |
| 2008 | 57.994.032.161 | 29 |
| 2009 | 54.598.858.171 | 36 |
| 2010 | 63.503.785.046 | 31 |
| 2011 | 81.550.957.112 | 32 |

Fonte: Brasil (2012).
Elaboração do autor.

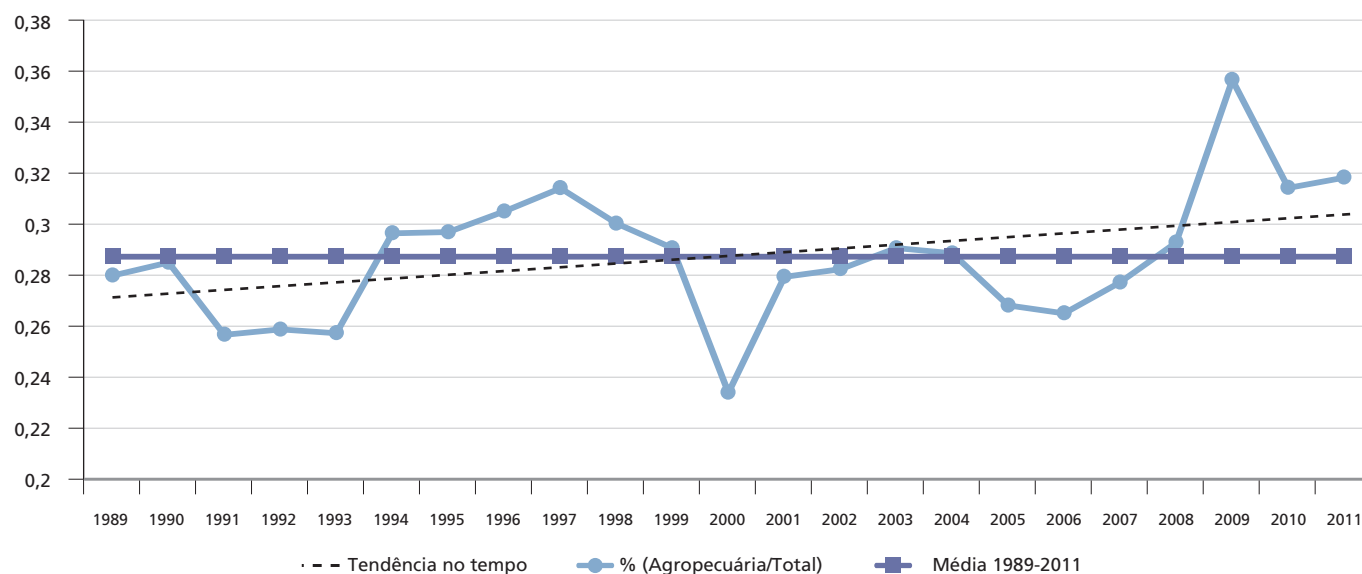
Entretanto, observa-se alguma diferenciação entre os subperíodos 1989-1993, 1994-2008, e 2009-2011. No primeiro caso, a participação da agropecuária nas exportações brasileiras totais foi, em média, de 27%. Já entre 1994 e 2008 esta parcela situou-se na casa dos 29%, em média. E, no terceiro subperíodo, crescerá para 33%.

Dois pontos adicionais podem ser realçados. Em primeiro plano, a natureza crescente – e de certa forma diferenciada da média da série (29%) – dos dados verificados no subperíodo de 2009 a 2011. Além disso, a tendência de crescimento, no tempo, da participação da pauta agropecuária nas exportações totais: a reta de tendência da série⁶ (pontilhada no gráfico 1) inicia-se na casa dos 27% para finalizar acima dos 30%.

Ambos os argumentos estão ilustrados no gráfico 1, a seguir.

GRÁFICO 1

Participação da pauta agropecuária nas exportações totais, e sua tendência no tempo
(Em %)



Fonte: Brasil (2012).
Elaboração do autor.

6. Observando-se a disponibilidade de uma amostra não ideal (menos que 40 anos), mostrou-se estatisticamente significativa no nível de 10% de probabilidade de erro.

Não obstante, um fato a ressaltar é que o crescimento das exportações agropecuárias parece ter ocorrido em ritmo similar ao do crescimento das exportações totais, com exceção do triênio 2009-2011, quando o crescimento das exportações agropecuárias foi superior.

Esse fenômeno pode ser visualizado tanto por meio do crescimento entre os anos da série como em se tomando o ano inicial (1989) por base de comparação. No primeiro caso, aferiu-se um crescimento médio de 11% nas divisas de exportações agropecuárias entre os anos do período analisado, contra 10% no caso das exportações totais, consoante a tabela 2.

TABELA 2

Crescimento das exportações totais e agropecuárias entre os anos
(Em %)

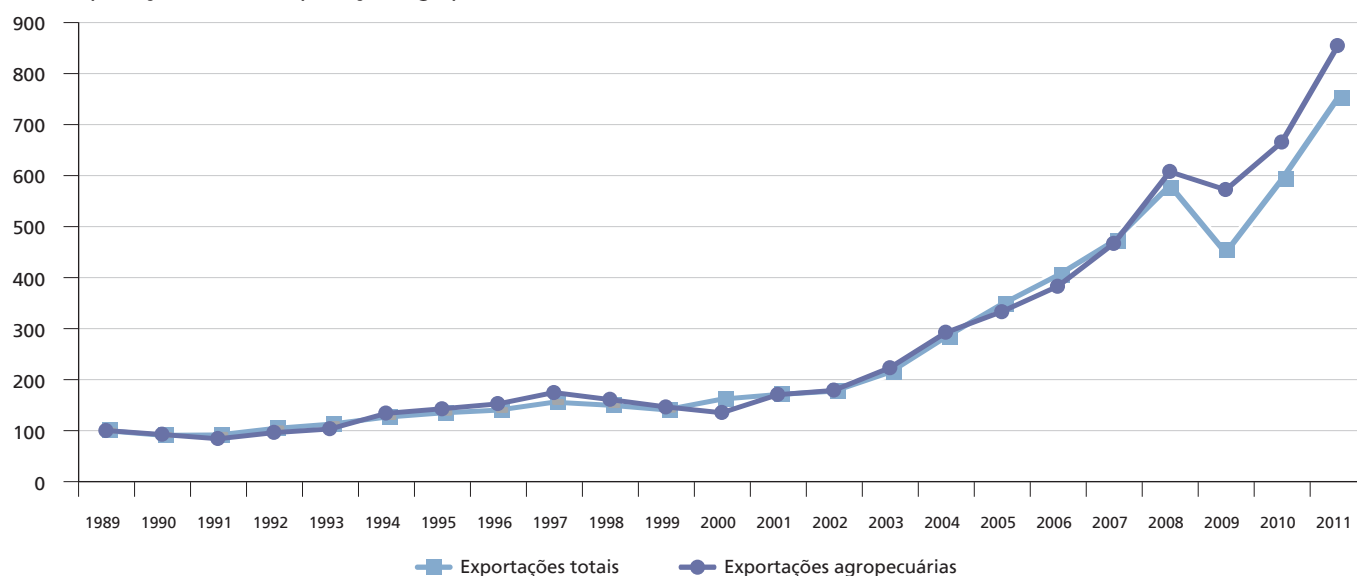
| Período | Exportações totais | Exportações agropecuárias |
|-----------|--------------------|---------------------------|
| 1989 | - | - |
| 1989-1990 | -9 | -7 |
| 1990-1991 | 1 | -9 |
| 1991-1992 | 14 | 14 |
| 1992-1993 | 8 | 7 |
| 1993-1994 | 12 | 30 |
| 1994-1995 | 6 | 7 |
| 1995-1996 | 4 | 7 |
| 1996-1997 | 11 | 14 |
| 1997-1998 | -3 | -8 |
| 1998-1999 | -6 | -9 |
| 1999-2000 | 15 | -8 |
| 2000-2001 | 6 | 26 |
| 2001-2002 | 4 | 5 |
| 2002-2003 | 21 | 25 |
| 2003-2004 | 32 | 31 |
| 2004-2005 | 23 | 14 |
| 2005-2006 | 16 | 15 |
| 2006-2007 | 17 | 22 |
| 2007-2008 | 23 | 30 |
| 2008-2009 | -23 | -6 |
| 2009-2010 | 32 | 16 |
| 2010-2011 | 27 | 28 |
| Média | 10 | 11 |

Fonte: Brasil (2012).
Elaboração do autor.

Ao mesmo tempo, tomando-se o ano-base como índice 100 (gráfico 2), nota-se um descolamento a favor da pauta agropecuária somente a partir de 2008. O porquê deste fenômeno foge ao escopo e ao espaço disponível para o presente estudo, mas por certo mereceria uma análise em pormenores, sobretudo, quanto à identificação do caráter estrutural ou conjuntural dos resultados particulares das exportações agropecuárias no subperíodo 2008-2011.

GRÁFICO 2

Exportações totais e exportações agropecuárias



Fonte: Brasil (2012).

Elaboração do autor.

Obs.: O índice em 1989 (ano-base) é igual a 100.

Em termos dos principais itens componentes da pauta agropecuária exportadora, cinco grupos de produtos totalizaram participação média (entre os anos) de 65% das exportações agropecuárias. Exibidos na tabela 3, estes grupos foram: sementes e oleaginosas (SH12, 14,33%); resíduos das indústrias alimentares (SH23, 13,76%);⁷ carnes e miudezas (SH02, 13,41%); açúcares e confeitaria (SH17, 11,80%); e café e mates (SH09, 11,71%).

Agregados, esses produtos oscilaram entre 55,80% (1990) e 73,23% (2011) das exportações agropecuárias entre 1989 e 2011.

TABELA 3

Participação média dos grupos de produtos nas exportações agropecuárias (1989-2011)

(Em %)

| Grupo de produtos (SH) | Participação média (1989-2011) | Grupo de produtos (SH) | Participação média (1989-2011) |
|--|--------------------------------|-------------------------------------|--------------------------------|
| Sementes e oleaginosas (12) | 14,33 | Óleos essenciais e resinoides (33) | 0,41 |
| Resíduos das indústrias alimentares (23) | 13,76 | Leite e laticínios (04) | 0,33 |
| Carnes e miudezas (02) | 13,41 | Preparações de cereais (19) | 0,27 |
| Açúcares e confeitaria (17) | 11,80 | Animais vivos (01) | 0,23 |
| Café e mates (09) | 11,71 | Gomas e resinas vegetais (13) | 0,17 |
| Preparações de hortícolas (20) | 7,64 | Plantas vivas e floricultura (06) | 0,09 |
| Tabaco e manufaturados (24) | 6,92 | Produtos hortícolas (07) | 0,08 |
| Óleos animais ou vegetais (15) | 4,97 | Malte, amidos e féculas (11) | 0,08 |
| Preparações de carne e peixes (16) | 2,44 | Lã e pelos finos ou grosseiros (51) | 0,05 |
| Preparações alimentícias (21) | 2,40 | Seda (50) | 0,04 |
| Frutas (08) | 2,09 | Produtos químicos orgânicos (29) | 0,04 |
| Cacau e preparações (18) | 1,69 | Matérias para entrançar (14) | 0,03 |
| Bebidas e vinagres (22) | 1,69 | Peles e couros (41) | 0,03 |
| Cereais (10) | 1,45 | Outras fibras têxteis vegetais (53) | 0,001 |

(Continua)

7. A taxonomia inclui no capítulo 12 não somente a soja para sementeira e os outros grãos de soja, mas também a farinha de soja, e não se restringe exclusivamente a esta oleaginosa. Ao mesmo tempo, o capítulo 23 contempla farinhas, farelos e bagaços outros que não apenas os derivados da extração do óleo de soja.

(Continuação)

| Grupo de produtos (SH) | Participação média (1989-2011) | Grupo de produtos (SH) | Participação média (1989-2011) |
|------------------------------------|--------------------------------|--|--------------------------------|
| Algodão (52) | 0,85 | Produtos diversos das indústrias químicas (38) | 0,001 |
| Outros itens de origem animal (05) | 0,52 | Peleteria e suas obras (43) | 0,0005 |
| Matérias albuminoides e colas (35) | 0,48 | | 0,0005 |

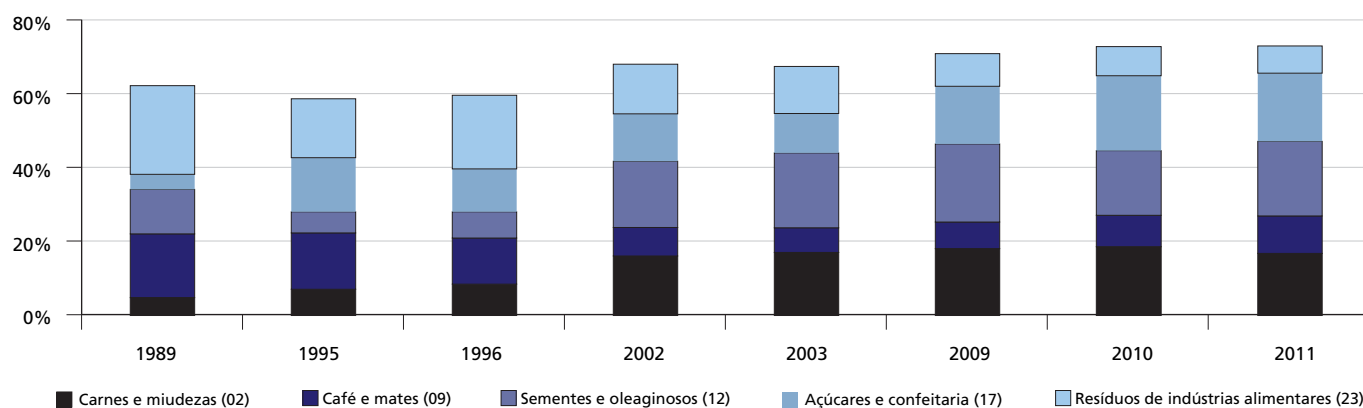
Fonte: Brasil (2012).
Elaboração do autor.

Todavia, a parcela devida a cada um deles não se mostrou homogênea no período avaliado. Contrariamente, o que se detectou foi: uma trajetória de crescimento participativo para carnes e miudezas (SH02), sementes e oleaginosas (SH12) e açúcares e confeitaria (SH17); e uma trajetória de declínio participativo para café e mates (SH09) e para resíduos das indústrias alimentares (SH23), conforme observável no gráfico 3, que reproduz anos selecionados da série.

GRÁFICO 3

Grupos de produtos agropecuários líderes nas exportações (anos selecionados)

(Em %)



Fonte: Brasil (2012).
Elaboração do autor.

Uma observação adicional necessária é que muitos capítulos SH não são de exportação contínua; vale dizer, geraram exportações em alguns exercícios e não em outros. Igualmente, dentro dos anos avaliados, não necessariamente há exportações regulares em todos os meses correspondentes. Estes processos estão possivelmente associados a condições de oferta local e de demanda externa específicas, variantes conforme cada um dos 33 grupos de produtos integrantes do Acordo Agrícola.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se um gradual, mas em boa medida moderado, crescimento na participação da pauta agropecuária no total de divisas de exportações brasileiras ao longo do período compreendido entre 1989 e 2011. Neste interlúdio, os produtos agropecuários foram responsáveis por 29%, em média, dos valores exportados pelo país. Contudo, há três subperíodos (1989-1993, 1994-2008 e 2009-2011) relativamente marcados, com alguma diferenciação na participação percentual da agropecuária nas exportações totais.

Também se detectou que o crescimento das exportações agropecuárias ocorreu em ritmo próximo ao crescimento das exportações totais, com exceção do período 2008-2011, quando o crescimento das exportações agropecuárias foi superior.

Quanto aos principais produtos da pauta agropecuária exportadora, cinco grupos de produtos destacaram-se e responderam por, em média, dois terços dos valores devidos às exportações agropecuárias. Estes grupos foram: sementes e oleaginosas; resíduos das indústrias alimentares; carnes e miudezas; açúcares e confeitaria; e café e mates.

Também, notou-se que muitos capítulos SH não são de exportação contínua e mesmo dentro dos anos avaliados não necessariamente há exportações regulares em todos os respectivos meses. Estes processos estão possivelmente associados a condições de oferta local e de demanda externa, específicas ao grupo de produto (ou ao seu subsetor) em tela.

Ressalve-se a simplicidade metodológica do trabalho. Foram somente identificados resultados da oferta de bens para o mercado internacional. Há condicionantes para a expansão da mesma que não foram consideradas. De citação imediata podem ser elencados os seguintes: demanda interna em crescimento, competidores externos, logística interna, logística internacional, políticas comerciais restritivas, dificuldades de investimento tecnológico em subsetores da agropecuária, perfil não homogêneo de produção em diversas cadeias, níveis variados de integração (produtor, processador, transportador, comercialização), e problemas de custo nos insumos à montante da produção.

Assim, tem-se uma lista mínima de aprofundamentos desejáveis e de questões relevantes a serem investigadas, conforme resumido a seguir.

1) Análise equivalente para as importações agropecuárias brasileiras, e identificação do potencial de crescimento dos principais compradores de produtos agropecuários brasileiros.

2) Análise de sensibilidade das exportações agropecuárias brasileiras a oscilações de câmbio e de renda interna por grupo de produto SH.

3) Perfil de expansão da área agropecuária associado ao crescimento das respectivas exportações.

4) Capacidade de oferta e exportação dos competidores do Brasil nos produtos SH.

5) Detecção e criação de novas oportunidades, e identificação de gargalos logísticos locais e globais por grupo de produto SH.

Entende-se que os resultados das análises elencadas anteriormente podem ser úteis para o desenho de políticas relativas aos produtos e subsetores analisados, bem como para os respectivos agentes envolvidos. É intenção do autor trabalhar nestes desdobramentos.

REFERÊNCIAS

- BARROS, J. R. M. O Brasil e a agricultura mundial. **OESP**, 5 fev. 2012.
- BRASIL. Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Aliceweb**. Disponível em: <<http://alicesweb.desenvolvimento.gov.br/>>. Acesso em: jan./mar. 2012.
- CASTRO, A. B. Agricultura e desenvolvimento no Brasil. *In*: _____. **Sete ensaios sobre a economia brasileira**. 2. ed. 1969. Rio de Janeiro: Forense, 1969.
- DA MATA, D. F. G.; FREITAS, R. E. Produtos agropecuários: para quem exportar? **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 46, p. 257-290, 2008.
- FREITAS, R. E.; MENDONÇA, M. A. A.; LOPES, G. O. Expansão de área agrícola nas mesorregiões brasileiras. **Revista de Política Agrícola**, ano 20, p. 100-116, 2011.
- GASQUES, J. G. **Qual o futuro da produção de alimentos?** Brasília: Code/Ipea, 2011.
- MELO, F. B. H. O Plano Real e a agricultura brasileira: perspectivas. **Revista de Economia Política**, v. 19, n. 4, out./dez. 1999.
- JAMES, C. **Parallel scientific session of the opening plenary session and inauguration of the congress**. *In*: EUROPEAN CONGRESS ON BIOTECHNOLOGY, 13., 16-19 Sept. 2007, Barcelona, Spain. Disponível em: <<http://www.ecb13.eu>>.
- MARCONDES, R. L. Agricultura e desenvolvimento no Brasil trinta anos depois. **Economia & Empresa**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 56-65, abr./jun. 1995.
- UN – UNITED NATIONS. **World population prospects: the 2010 revision**. Apr. 2011. (Total Population: Both Sexes). Disponível em: <<http://esa.un.org/unpd/wpp/Excel-Data/population.htm>>. Acesso em: 21 set. 2011.
- VINHOLIS, M. M. B. **Fatores determinantes da adoção da certificação SISBOV/traces na pecuária de corte**. São Carlos, 2012. Mimeografado.
- WTO – WORLD TRADE ORGANIZATION. **Agreement on agriculture**. 1994. Disponível em: <http://www.wto.org/english/docs_e/legal_e/14-ag.pdf>.
- _____. **Understanding the WTO: the organization – Members and observers**. [s.d.]. Disponível em: <http://www.wto.org/english/thewto_e/whatis_e/tif_e/org6_e.htm>. Acesso: 20 mar. 2012.

APÊNDICE**Códigos SH do Acordo Agrícola**

| Capítulo SH | Itens |
|-------------|--|
| 1 e 2 | Todos |
| 4 a 24 | Todos (exceto peixes e suas preparações) |
| 29 | 2905.43 e 2905.44 |
| 33 | 33.01 |
| 35 | 35.01 a 35.05 |
| 38 | 3809.10 e 3823.60 |
| 41 | 41.01 a 41.03 |
| 43 | 43.01 |
| 50 | 50.01 a 50.03 |
| 51 | 51.01 a 51.03 |
| 52 | 52.01 a 52.03 |
| 53 | 53.01 e 53.02 |

Fonte: OMC (WTO, 2011).
Elaboração do autor.